



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

USO DA FOTOGRAFIA COMO MEIO DE REPRESENTAÇÃO DO RACISMO E PRECONCEITO CONTRA DESCENDENTES DE JAPONESES EM LONDRINA – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Celina Yoshie Tanaka, Jessica Yumi Ueno, Katya Luciane Oliveira
celina.ytanaka@gmail.com, u.yumi7897@gmail.com, katyauel@gmail.com.

Universidade Estadual de Londrina

Resumo

A presença da população japonesa no Brasil se dá desde 1908, quando imigraram para o país em busca de melhores condições de vida. As diferenças culturais e fenotípicas acabaram se tornando pretexto para preconceito e xenofobia, estigma carregado por muitos descendentes até a contemporaneidade. Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar a visão de algumas das vítimas do preconceito contra descendentes de japoneses na região de Londrina, levantando a discussão a respeito da permanência do tema nos dias de hoje. Por meio de relato de experiência das autoras, foram coletadas 18 fotografias e 4 relatos pessoais de 9 participantes com ascendência japonesa, todos com devido consentimento de uso e participação. Os resultados mostraram, nos relatos, a presença de um discurso marcado de apelidos, frases e situações pelos quais os participantes passaram, e a fotografia foi uma peça-chave para apresentar elementos como expressão facial e fotocomposição. Conclui-se a emergência do tema e necessidade de maiores discussões no âmbito acadêmico, bem como desenvolvimento de trabalhos a respeito e políticas inclusivas concernentes ao tema.

Palavras-chave: imigração japonesa, fotografia, psicologia social

Introdução

A imigração japonesa iniciou-se em 1908 com o navio Kasato Maru, trazendo 165 famílias. Devido ao enfrentamento de diversas dificuldades no Japão, como a cobrança de altos impostos da população, além da superpopulação encontrada no país, uma das alternativas vistas pelo governo japonês foi a de incentivar e emigração para outros países. O Brasil, com a falta de mão de obra nas plantações de café, enxergou os imigrantes japoneses também como uma alternativa para a resolução dos problemas no país. Assim, as centenas de famílias que emigraram para o Brasil, dirigiram-se ao trabalho nas fazendas com a esperança de que as condições de vida se tornariam melhores. Contudo, segundo Tosta (2017), devido às diferenças culturais e físicas em relação à população brasileira vigente na época, acabaram sendo alvo de preconceito e discriminação.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

O preconceito é tido, segundo Mezan e Silva (2003, p. 2) como “conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consiste em atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa, pelo simples fato de pertencer àquele grupo”. Já o termo estigma, também explorado no presente trabalho, é dado como “marca ou cicatriz deixada na pele por ferida” (Dicionário Michaelis, 2018).

Assim, o preconceito contra o indivíduo com ascendência asiática é presente, porém, velado: são os pequenos insultos e brincadeiras que, cotidianamente, passam despercebidos. Nos dias de hoje, o olhar diferenciado para esses indivíduos é presente, visto que este ainda é considerado estrangeiro, “mesmo sendo brasileiro de nascimento, depois de várias gerações e tendo um estilo de vida primordialmente brasileiro, ele não está inserido no padrão de identidade nacional veiculado recorrentemente, devido ao fenótipo” (Ueno, 2008).

A região do norte do Paraná é a segunda maior com concentração de descendentes japoneses do Brasil. Contudo, mesmo com a passagem de décadas após a vinda dos primeiros descendentes para a região, percebem-se os insultos e comentários contra tal comunidade, não discutida mesmo entre os próprios descendentes. Considerando a emergência do tema e ideia de disseminar a apresentação de maneira midiática, em redes sociais, por exemplo, a escolha da utilização de fotos com frases frequentemente ouvidas pelas vítimas do preconceito, ou com a representação pelos voluntários foi uma maneira de tornar visível os sentimentos dos que representam outros indivíduos com a ascendência asiática.

Participantes, Recursos e Procedimentos metodológicos

Inicialmente, foi realizada pesquisa bibliográfica em bases de dados, com o objetivo de obter maior embasamento teórico da área e contextualizar o tema do preconceito anti-amarelo de maneira geral. A partir do levantamento de alguns tópicos considerados relevantes nas pesquisas – o estigma na comunidade nipônica (Takeuchi, 2008), a naturalização do racismo anti-asiático no âmbito digital (Chozo, 2017), identidade e dimensão psicossocial (Ueno, 2010), foi realizado preparo dos



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

materiais a serem utilizados no levantamento de dados. Trata-se de um estudo do tipo descritivo, com delineamento de levantamento.

Participaram 9 indivíduos residentes da cidade de Londrina, com idades entre 18 e 25 anos, descendentes de japoneses. Quanto ao sexo, seis eram do sexo feminino e três do sexo masculino. A amostra se constituiu por conveniência, pois as pesquisadoras já conheciam essas pessoas anteriormente, pois eram descendentes de japoneses.

Para a coleta de dados foi empregada uma entrevista aberta acerca do tema preconceito acerca das pessoas de descendência japonesa e também procedeu-se registro fotográfico. Os dados coletados envolveram fotografias, tiradas pelas autoras, e ao final do trabalho, resultaram 18 fotografias e 4 relatos verbais. Os relatos foram posteriormente transcritos. Os participantes tinham liberdade para relatar histórias e vivências relacionadas a preconceito, *bullying*, racismo, xenofobia ou assédio, por conta da ascendência japonesa. A partir da fala do participante, as autoras a registravam por meio da fotografia, composta pelo voluntário e uma palavra ou frase característica do tema. Cabe destacar que todos os participantes consentiram expressamente na participação da pesquisa, bem como no uso das imagens oriundas dos registros fotográficos.

Resultados e Discussão

Os relatos das entrevistas foram analisados de forma qualitativa, por meio da análise de conteúdo. Como conteúdo preponderante na amostra sobre o questionamento da construção de subjetividade e a identidade dos indivíduos com ascendência asiática, dando enfoque aos descendentes de japoneses, pode-se observar que na percepção dos entrevistados eles não são vistos como parte da constituição étnica brasileira, uma vez que os consideram estrangeiros - o que não ocorre com imigrantes brancos. Ademais, no Japão, esses mesmos indivíduos não são considerados japoneses, e sim, brasileiros, o que torna acentuado o impasse sobre a identidade étnica. Assim, “os descendentes permaneceram com a marca da desinserção, por meio da marca oblíqua nos próprios olhos, no próprio olhar e no olhar do outro” (Ueno, 2008).



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

. Observou-se que outro conteúdo presente nos relatos foi o estigma e a dor da construção dessa identidade subjetiva, na qual a ideia de construção do sujeito perpassa pela vinculação à sua pátria, no caso, o Brasil. Dessa forma, sobre a construção da identidade, Dantas et al (2010, p. 47) considera que “a identidade não existe senão contextualizada, como um processo de construção e pressupõe o reconhecimento da alteridade para a sua afirmação”. Com isso, percebe-se a dificuldade dos indivíduos com ascendência japonesa de se ampararem em uma cultura de maneira total, visto a dúvida sobre o sentimento de pertencimento a um país - Brasil ou Japão.

Além da pesquisa em bases de dados sobre o tema, a inserção da fotografia como parte da pesquisa pode ser considerada um diferencial na apresentação dos resultados, visto que, segundo Neiva-Silva e Koller (2002), “o uso da fotografia poderia auxiliar na comunicação de significados (expressar-se verbalmente em determinados temas), permitindo uma melhor compreensão dos conteúdos por parte do pesquisador” (p. 238). Na sequência nas Figuras 1 e 2 algumas imagens coletadas no registro fotográfico.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018



Figura 1: “Sua nota não representa sua cultura”.



Figura 2: “Mata aquele japonês para garantir vaga na faculdade”.

Com base nas Figuras 1 e 2 pode-se hipotetizar que tendo em vista o objetivo do trabalho de trazer à lume algumas vicissitudes do preconceito anti-amarelo na região de Londrina, levanta-se a discussão a respeito do impacto que a fotografia, em concomitância aos relatos apresenta ao retratar o tema. O processo de fotocomposição na elaboração do trabalho pôde auxiliar na humanização da abordagem do movimento, visto que os próprios voluntários puderam fazer parte da intervenção e utilizar suas próprias palavras na representação de sua subjetividade. Expressões faciais, posturas e a placa escrita podem, assim, contribuir no processo de identificação e associação de cada espectador.

Conclusões

Por ser um tema novo e ainda pouco discutido, percebe-se a necessidade de maiores pesquisas relacionadas ao assunto, visto que foi possível observar um amplo engajamento dos asiáticos-brasileiros em relação ao preconceito silenciado e a falta do sentimento de pertencimento no país. Além disso, vale destacar também o uso da fotografia, quando aplicada na psicologia, desempenha quatro funções (Neiva-Silva & Koller; 2002) a de registro, a de modelo, a autofotográfica e a de



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

feedback ao participante. Pensando na terceira função, a qual demonstra como “determinado conjunto de fotos possui fatores peculiares a um grupo ou a outro” (p.238), a questão levantada ao sugerir o recurso da fotografia como representação de racismo e preconceito pôde ser parcialmente respondida. A mesma é abarcada de maneira íntegra a partir da pesquisa bibliográfica, na qual a literatura e produções prévias correlacionam percepções e autobiografias levantados no contexto do trabalho.

É necessário, acima de tudo, levar em consideração a importância de assomar o tema nas universidades e no âmbito científico e político: os trabalhos levantados a respeito do preconceito anti-amarelo, o investimento em políticas inclusivas acerca da população amarela são poucos, e não recebem o reconhecimento que lhes é digno. A realização deste trabalho levanta a discussão a respeito de o quão divergente é a cultura no nosso país e como ainda há trabalho a ser feito para abarcar, pelo menos, a maioria dessa diversidade.

Referências

Dicionário Michaelis. *Estigma*. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=bYQp>.

Inoue, V. C. *A naturalização do racismo anti-asiático na sociedade digital brasileira*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2017. 50 páginas.

Neiva-Silva, L., & Koller, S. H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de psicologia (Natal)*. Vol. 7, n. 2 (jul./dez. 2002), p. 237-250.

Silva, S. G. Preconceito no Brasil Contemporâneo: as pequenas diferenças na constituição das subjetividades. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2003, vol. 23, n. 2, p. 2-5.

Takeuchi, M. Y. A comunidade nipônica e a legitimação de estigmas: o japonês caricaturizado. *REVISTA USP*, São Paulo, n.79, p. 173-182, 2008.

Ueno, Laura Satoe. *Migrantes em trânsito entre Brasil e Japão: uma intervenção psicossocial no retorno*. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2008.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

Tosta, L. F. O. À terra do sol poente: identidade em ex-decasséguis no norte do Paraná (1980-2017).

Dantas, S. D., Ueno, L., Leifert, G., & Suguiura, M. (2010). Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. *REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 18(34), 45-60.